Quando o professor deixa de ser 'tarefeiro'

Projeto Fapesp concede bolsas a professores da rede pública

LUIZ SUGIMOTO
sugimoto@reitoria.unicamp.br

"Transformar a escola pública é possível", afirma o professor Pedro Ganzeli, da Faculdade de Educação (FE) da Unicamp, que nos últimos quatro anos coordenou um projeto Fapesp envolvendo gestores e professores de uma unidade de municipal de ensino fundamental de Campinas. "A Escola Vicente Ráo, hoje, é outra. Construímos uma nova forma de organização democrática, sem imposição de *experts*. As soluções foram pensadas pelos próprios professores, que deixaram de ser 'tarefeiros' para adotar um trabalho reflexivo no enfrentamento dos problemas. A visão profissional se sobrepôs à visão personalista predominante na escola pública".

"Trabalho integrado na escola pública – participação político-pedagógica" é o título do projeto que, segundo Ganzeli, contou com recursos de R$ 285 mil da Fapesp, desde julho de 2006 a julho deste ano, dentro de uma linha especial de pesquisa que concede bolsas a professores da rede pública. "O projeto teve como foco a construção de novas formas de conceber a prática político-pedagógica da organização escolar, transformando as relações de trabalho no âmbito interno, bem como entre a unidade e os órgãos centrais da educação. Foi um projeto de intervenção, e não só de observação".

O docente da Unicamp lembra que a Escola Vicente Ráo, indicada pela supervisão de ensino, possuía em 2005 um quadro completo de gestores – diretora, dois vice-diretores e orientadora pedagógica – responsável por 1.200 alunos, em quatro turnos. "Iniciamos as reuniões para compor o grupo de bolsistas no primeiro semestre. A partir de diálogos constantes em torno das necessidades, desenvolvemos cinco subprojetos e estamos terminando com sete; de 14 professores pesquisadores, chegou-se a 19 e, no final, eram 16 bolsistas".

Na opinião de Pedro Ganzeli, a escola pública apresenta uma organização burocrática, na qual prevalece a operacionalização de ações elaboradas pelos órgãos centrais da rede. "A diretora da unidade segue as diretrizes da supervisora de ensino e a orientadora pedagógica, da coordenadora pedagógica, como se houvessem duas escolas distintas. Esta fragmentação e a falta de diálogo dificultam o atendimento das necessidades pedagógicas pelo setor administrativo. A busca de uma visão integrada da gestão escolar, sempre em benefício da aprendizagem do aluno, foi tema de um dos subprojetos".

O coordenador observa que, no início, as discussões não eram tranqüilas, com muitas divergências tanto teóricas como políticas, naturais quando entram as relações humanas. "A produção de um texto coletivo, descrevendo o projeto à Fapesp, já foi considerada uma vitória por todos. Este processo gerou aprendizagens organizacionais, pois o texto exigiu síntese de ideias e de informações sobre a escola, em sequência histórica. A aprovação do financiamento veio em julho de 2006".

113 reuniões

O professor da FE contabilizou a realização de 113 reuniões gerais com os bolsistas nos últimos três anos, intercalando dois propósitos: avaliar o andamento de cada subprojeto e do projeto como um todo, e promover o estudo e a discussão de textos relacionados ao ensino. "O objetivo foi levá-los à reflexão e, a partir dela, à elaboração de ações concretas, que por sua vez, após serem avaliados seus resultados, geravam nova reflexão e novas ações. Este movimento de reflexão-ação-reflexão induziu os professores a produzirem explicações sobre o seu trabalho pedagógico e a realidade vivida na escola".

Pedro Ganzeli recorda que, no primeiro ano de projeto, muitos bolsistas questionavam se suas ações cotidianas tinham validade científica e se estavam realmente fazendo pesquisa. "Somente depois da leitura de um texto sobre pesquisa-ação, de André Morin, eles se convenceram de que também se constrói conhecimento com dados do cotidiano – um conhecimento que não vem pronto e acabado, mas é construído pelos sujeitos participantes da pesquisa, muito importante para o desenvolvimento acadêmico".

Outro procedimento introduzido pelo docente da Unicamp foi a produção de diários de campo e de instrumentos avaliativos, além de relatórios sintetizando o trabalho do mês. "Eu recolhia, corrigia e devolvia os relatórios, tanto de forma individual como coletiva, favorecendo a síntese constante e a socialização dos problemas pedagógicos e aqueles relacionados à estrutura e ao funcionamento da escola. Não se tratava de discutir o fato, em si, mas de tentar explicar o que o gerou e, principalmente, de propor uma ação em relação a ele".

Socialização

Ampliar a participação na organização do trabalho escolar foi mote de diferentes subprojetos. Como exemplo, Ganzeli cita as alterações realizadas no Conselho de Escola – com representação de especialistas, professores, pais, alunos e funcionários – no objetivo de definir os rumos da unidade. "Propusemos um planejamento participativo, levando maior número de sujeitos a conhecer e a atuar no conselho. A discussão de um regimento interno deu aos membros maior clareza da importância do órgão máximo de deliberação da escola. Também criamos um jornal para divulgar as decisões. Houve grande aprendizagem organizacional entre todos".

Em termos pedagógicos, Ganzeli afirma que a transformação ocorreu por meio de uma nova forma de produção e utilização do plano de ensino. A elaboração de um plano comum a todos os professores permitiu visualizar de forma clara e objetiva a organização de conteúdos e atividades didáticas a serem trabalhadas ao longo do ano. "Inicialmente houve resistência – alguns achavam que era um tipo de controle – mas com as discussões e socializações nas reuniões gerais chegamos a uma nova concepção de elaboração e uso dessa ferramenta didática".

Segundo o coordenador, cada professor pesquisador expôs seu pano de ensino nas reuniões e todas as críticas feitas pelos demais foram, conforme a sua pertinência, incorporadas ao documento, favorecendo a interdisciplinaridade. "Passamos a questionar como cada evento da unidade escolar, como por exemplo, os Jogos da Amizade, estava representado no plano. Nessa nova concepção, o plano de ensino passou a ser tratado como instrumento de organização do trabalho em cada componente curricular, como um instrumento de socialização".

O docente esclarece que as discussões visavam justamente expor as diferenças e individualidades. "Tivemos discussões acaloradas, mas esse movimento gerou o que considero como profissionalismo no tratamento dos problemas educacionais. Antes, colocar reparos no trabalho do outro, era visto como questão pessoal. A burocracia leva o professor a cumprir um determinado papel, de forma individualizada, sendo que as relações profissionais se perdem. Com a pesquisa passamos a discutir a concepção de ensino de cada um, suas diferenças e as conseqüências para a aprendizagem do aluno, mostrando que a diferença era uma questão pedagógica e não pessoal".

Fotos: Antonio Scarpinetti

Alunos no Laboratório Interativo de Ciências "Hilário Fracalanza": espaço de socialização e de motivação à pesquisa

O professor Pedro Ganzeli, coordenador do projeto: "Construímos uma nova forma de organização democrática, sem imposição de *experts*"

Jogos promovem socialização e inclusão

Um subprojeto que agitou a Escola Vicente Ráo, recorda o professor Pedro Ganzeli, foi o dos Jogos da Amizade. Antes do projeto de pesquisa existiam os Jogos Interclasses dentro do modelo tradicional, no qual os melhores escolhiam aqueles que formariam as suas equipes, provocando protestos por parte de pais e professores. "Havia um jogo de poder e a questão da exclusão já estava posta, ao passo que a nova proposta visava justamente desenvolver a convivência com a diferença e transformar a disputa por medalhas em um momento de confraternização e socialização".

Ganzeli explica que o objetivo de fundo era melhorar o ensino e a aprendizagem, utilizando os jogos para também trabalhar a interdisciplinaridade entre os diferentes conteúdos curriculares, além de levar o aluno a conhecer suas possibilidades e limites. "No primeiro ano, em 2006, as equipes foram formadas por cores, com a inclusão de todos os alunos, em equipes formadas por sorteio. A cada ano, o aprimoramento do trabalho de organização deu aos jogos uma dimensão político-pedagógica, envolvendo a comunidade como um todo. Os professores passaram a incorporar o evento em seus planos de ensino".

O pesquisador destaca a participação nos jogos dos alunos com necessidades especiais, graças a regras para compensar as dificuldades psicomotoras, criadas pelos próprios colegas. "Isto foi resultado da integração entre os subprojetos. O subprojeto sobre inclusão organizou um conjunto de ações para que vários alunos com necessidades especiais passassem a atuar na escola sem preconceitos. Como no caso de um aluno com síndrome de Down, que se candidatou a representante do Conselho de Escola e foi tratado com respeito por todos durante sua propaganda eleitoral nas salas de aula".

Pedro Ganzeli acrescenta que os Jogos da Amizade favoreceram a interdisciplinaridade quando os planos de ensino incorporaram ações relacionadas ao evento. "Tivemos o exemplo da professora de ciências medindo o batimento cardíaco dos atletas e relacionando a iniciativa com conteúdos específicos de sua disciplina; e também da professora de português, que montou uma revista com entrevistas e textos sobre os jogos produzidos pelos alunos".

Os jogos também foram filmados, dentro do subprojeto idealizado para registrar em vídeo o cotidiano escolar – reuniões pedagógicas, experimentos, oficinas, estudos do meio – e no qual colaborou o professor Carlos Eduardo Miranda, da Faculdade de Educação. "Professores aprenderam sobre manuseio da câmera e técnicas de edição. Além do registro histórico, os filmes ajudaram a orientar outras atividades, como as relativas ao Dia das Mães, dentro do subprojeto de ciclos de desenvolvimento humano, que visou novas formas de socialização do trabalho feito em sala de aula".

Laboratório Interativo

Quando os funcionários da escola viram o correcorre de alunos até o bebedouro, espalhando água pelo chão, sabiam que não era algazarra. As crianças estavam envolvidas no experimento piloto de filtragem de água com o uso de pedras e areia, elaborado pelos professores pesquisadores do subprojeto do Laboratório Interativo de Ciências (Labi), que ganhou o nome do professor Hilário Fracalanza e a coordenação de mais um professor da FE, Jorge Megid Neto.

Inaugurado em 29 de junho, o Labi está equipado com microscópios e outros materiais de laboratório, funcionando também como um espaço de motivação à pesquisa e também de socialização, onde é possível ver filmes e ouvir música. "Os alunos começam a olhar a escola não só como lugar de transmissão de conhecimento, mas de produção e de vivência", observa Pedro Ganzeli.

Ganzeli destaca a participação fundamental da supervisora educacional e da coordenadora pedagógica, responsáveis pelo acompanhamento das ações na unidade escolar, favorecendo a integração entre a equipe de gestão com os órgãos centrais da Secretaria Municipal de Educação. "Esse trabalho de pesquisa mostrou-se inovador ao garantir a produção de conhecimento do cotidiano escolar pelos próprios sujeitos implicados nesse mundo complexo. A transformação da escola pública não foi vista apenas como uma possibilidade, mas com realidade".